

## Do sintoma à palavra: um caminho de resignificação<sup>1</sup>

Stella Maris S. Mota.<sup>2</sup>

*Como maçãs de ouro em salvas de prata,  
assim é a palavra dita a seu tempo.*

Provérbios 25, 11.

### Resumo

*A pulsão busca representação e pode eleger o sintoma quando a censura efetiva o impedimento para outras formas de satisfação. A palavra captura os múltiplos significados do sintoma e dá escoamento à força que o constitui, favorecendo uma outra percepção e um outro entendimento das demandas do ser. Palavra falada, estruturada, “falha”, escutada. Utensílio humano para recriar a vida, refazendo sintomas ou utilizando-se deles.*

Uma das mais fortes motivações inconscientes tem sido buscar o mesmo estágio inicial de prazer e satisfação em que se encontrava o humano no princípio de sua existência: as sensações de plenitude da vida intra-uterina. Porém, todo o seu desenvolvimento é pontuado por renúncias, impedimentos e substituições.

Durante o desenvolvimento psicosexual e por toda a vida adulta, nossa conduta será permeada pela energia fundamental do aparelho psíquico denominada pulsão. As representações, constituídas pelas pulsões, engendram-se num processo de imagens, em que a intensidade dessa energia constituirá os afetos. Lembramos que Ocariz (2003), define afeto como “[...] *uma quantidade [de energia pulsional] deslocável da qual se tem conhecimento por meios dos sentimentos da pessoa (amor, ódio, ternura, carinho, raiva, desprezo, etc)*” (p. 34), tornando-se possível ao afeto, apenas, ser deslocado, suprimido, transformado, nunca recalçado. Isso exige um canal de escoamento!

Convém lembrarmos, ainda, que, pela caracterização do destino da descarga, a pulsão será dita sexual quando produzir

unidades de ligação e conservá-las. Será denominada de pulsão de morte quando dissolver essas unidades e alcançar o estado inerte como resolução do limite extremo de excitabilidade, diminuindo conseqüentemente a angústia. Assim, observa-se que a descarga pulsional pode ocorrer através do choro, do sintoma, da palavra, a depender do que fora mais usual ao longo da história de vida ou da reação adaptacional, no momento do trauma.

Então, quando os canais de escoamento da energia pulsional se obstruem ou se deformam pela atuação da censura é que surge a alternativa do sintoma. O sintoma se efetiva onde o humano já não sabe existir ou transformar a pulsão em vias de acesso ao prazer, mesmo que parcial, uma vez que jamais esse prazer poderá ser total. O sintoma apresenta-se como recurso último para o equilíbrio de todo o organismo, quando a representação de uma carga pulsional for recalçada. Essa é uma experiência psíquica primitiva, pois ocorre desde a mais tenra idade, uma vez que as primeiras demandas infantis estão muito aquém de qualquer simbolização.

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na V Jornada de Psicanálise do GPAL, em outubro/ 2005.

<sup>2</sup> Psicóloga clínica (CESMAC), Especialista em Psicologia Social (UFAL), Mestra em Literatura Brasileira (UFAL), Psicoterapeuta no Centro de Saúde Municipal da Pitanguinha e no ambulatório de hemoterapia do hemocentro de Alagoas/HEMOAL, Membro do GPAL.

É importante observarmos que o sintoma transporta a carga pulsional no lugar da representação, propicia a satisfação parcial e estabelece a ligação entre o próprio sintoma e o gozo. Disso resulta o fortalecimento da estruturação do sintoma, sendo possível observarmos que, ao mesmo tempo em que o sujeito reclama do seu sintoma, ele também investe nele, perpetuando-o. É nesse ponto que a linguagem opera mudanças no gozo, servindo de canal para a energia pulsional, enquanto abre possibilidades do humano recriar as suas formas de prazer.

Refiro-me aqui à linguagem e não especificamente à palavra falada ou escrita, porque o inconsciente adota várias formas de expressão para dar vazão à energia sexual. A exemplo, podemos citar a evidente influência da literatura sobre a elaboração psicosexual, principalmente na infância. Porém, não somente a fala, recorda-nos Kaufmann (1996), mas “*a própria escrita é também lugar de sintoma: prova disso são os lapsus calami, deformações ou omissões de palavras e de nomes, esquecimentos de assinaturas, erros de cálculo, etc*” (p.156).

Outro campo do saber que corrobora com esse tema é a semiótica, mostrando-nos a amplitude da significância quando afirma que a palavra não é meramente símbolo, posto que o símbolo trás necessariamente a imagem e isso é o que lhe confere significado. Ora, na palavra existe necessariamente uma qualidade imagética que “transporta” toda carga de significâncias e que escoia pelas metonímias e metáforas. A exemplo disso, podemos observar quão ricos são os poemas de sentimentos que nem mesmo se esgotam nas figuras de linguagem, pois fica sempre algo por dizer, embora grande parte desse conteúdo escape e se transmita.

Voltada para o estudo do veículo de signo, imagem, representação imagética, significação e referência, a semiótica estabeleceu a correlação entre representação imagética e significação.

A psicanálise evidencia a presença dos conteúdos inconscientes no processo de significação e representação mental pela via da palavra. As palavras vão estar em contínuo intercâmbio com a representação, com a linguagem e com o símbolo, pluralizando a sua utilização. Nesse intercâmbio, os conteúdos

inconscientes se deslocam, aderem às representações de linguagem e se expressam num jogo de articulações tão originais quanto possíveis. Entendemos, então, à luz da semiótica e de acordo com Santaella & Nöth (1999) que:

*“A fala nos aparece hoje como uma camada intermediária, fluxo audível entre duas formas de escritura, a da língua à qual está prescrita e que é também condição do inconsciente, de um lado, e, de outro, na superfície material dos meios, oferecendo-se ao olhar, aparece a escritura fonética.”* (p. 68).

Embora a letra nada tenha em si mesma de substancial, ela localiza o significante porque se desloca, fica suspensa e suscita o significado, levando-o ao seu destino. Dessa forma, instaura-se uma relação com o gozo e se estabelece o ciframento das mensagens onde serão significados os desejos inconscientes. Isso acontece em função do afeto não se reprimir, mas poder ser deslocado, suprimido ou até mesmo transformado no contrário. Evidencia-se, assim, uma das funções da palavra, que é oferecer lugar para o que falta acontecer, produzindo um conjunto de fenômenos ativos e organizados na lógica do inconsciente. Através da palavra se dá o desdobramento do inconsciente, sob a ordem das sucessões e da força pulsional. Lembra-nos Poulichet (1996) que “[...] *cada fragmento de fala pode cruzar outro fragmento aparentemente heterogêneo, informá-lo e transformá-lo*”. (p.13). É através do discurso que uma experiência psíquica pode ser recordada e trazer à tona a emoção da dor, do trauma e dissolver o sintoma ao mesmo tempo em que amplia o entendimento consciente e constitui um outro saber existencial. Freud ressalta que o essencial não é o analisando poder lembrar com exatidão factual o que fora vivido. É que ele possa falar, reestruturar na palavra o vivido. É trazendo a experiência emocional para a palavra, rememorando, que se dá um novo destino à carga pulsional, aos afetos e, conseqüentemente, esvazia-se o sintoma, despotencializando-o.

## Do sintoma à palavra: um caminho de resignificação

Se lembrarmos do sintoma como produção do inconsciente, entenderemos-o como o retorno do que foi recalçado; se entendermos o lugar das pulsões como sendo um pólo sem inscrição representacional e se, ainda, aceitarmos a pulsão como um conceito – limite entre o psíquico e o somático, compreenderemos, enfim, a **palavra** como recurso para impedir a somatização, pois é no limite entre o psíquico e o somático que ela servirá como representação, a exemplo de como acontece nos fenômenos da condensação com a metáfora, e do deslocamento com a metonímia. Nessa perspectiva, Ocariz (2003) nos diz que:

*“Estimular a lembrança, acompanhada da emoção adequada, permite fechar a ferida, o trauma e dissolver o sintoma. Adoecemos pela intensidade excessiva dos afetos não ligados nas representações adequadas e impedida de serem simbolizados, elaborados, processados mediante os mecanismos que permitiram diluir os acontecimentos desagradáveis da vida, até que acedessem ao bom esquecimento.” (p.35).*

No fenômeno da fala integram-se os três planos do existir humano: o simbólico, através da metáfora representado pelo significante; o imaginário, representado pela significação; e o real, pelo próprio discurso que busca comunicar ao Outro uma verdade que somente o próprio sujeito conhece, pois ela é fruto da sua subjetividade. Kaufmann (1996) nos traz que *“o sujeito dispõe de todo um material significante que é a língua, materna ou não, e se serve dela para transpor para o real as significações”* (p. 130). Então, o humano registra-se na fala em função da alteridade do Outro. É, portanto, função da fala a introdução da verdade no Outro. Contudo, as formas de discurso fundamentam-se num campo diversificado, obedecendo as suas leis para que haja certa comunicação de um significado que representa um sujeito para um outro significante.

De fato, o sujeito não comunica sua verdade de subjetividade com a linguagem, mas **na** linguagem, porque num dado momento da análise ele não é mais o agente, ele é o efeito. Efeito de uma substituição significativa que tem seu movimento instaurado pela metáfora e pela metonímia, quando a fala passa a ser regida muito mais pelo inconsciente do que pelo consciente. Portanto, é na medida em que o sujeito precisa se encontrar no Outro para se reconhecer, comunicando a sua subjetividade, que ele se utiliza da palavra.

O eu só pode existir com referência ao Outro, ele se constitui em relação ao Outro. Ou seja, é o nível no qual o Outro se apresenta que nos situa em relação ao existir do eu. A esse respeito, Lacan (1981) afirma:

*“A palavra institui-se como tal na estrutura do mundo semântico que é o da linguagem. A palavra não tem nunca um único sentido, o termo, um único emprego. Toda palavra tem sempre um mais além, sustenta muitas funções, envolve muitos sentidos. Atrás do que diz um discurso, há o que ele quer dizer, e, atrás do que quer dizer, há ainda um outro querer dizer, e nada será nunca esgotado se não é que se chega ao fato de que a palavra tem função criadora e faz surgir a coisa mesma, que não é nada senão o conceito.” (p. 275).*

Os sentidos ressoam na palavra e por isso somos enviados ao ato mesmo da palavra. O legado de Freud, reorganizado por Lacan, nos mostra como a palavra é vertente do desejo organizado num sistema simbólico.

Assim sendo, a palavra é o meio pelo qual o sujeito funda a relação intersubjetiva, porque nela ele se modifica retroativamente. Podemos, então, afirmar que a palavra cria o sujeito! O sujeito está na palavra porque ela contém a trama do inconsciente de um sujeito castrado e que, por isso, é sujeito de desejo. Sendo assim, uma palavra funciona para outra, deslizando o desejo que na sua forma primeira foi interditado, como no

Édipo, com a lei da proibição do incesto, para poder vir a se expressar num mecanismo de condensação através da metáfora, ou através da metonímia, deslocando os desejos.

No curso de um desenvolvimento normal, sem fixações, o sujeito sai do lugar imaginário de ser o falo, um lugar passivo, para ir para o lugar do desejante, um lugar ativo, daquele que se reconhece com faltas a serem supridas e, assim, nesse processo contínuo de busca, poder refazer os caminhos do seu sintoma.

Considerando-se que todos temos demanda de amor e lei, ressaltamos que só criamos quando nos engajamos simbolicamente na palavra. Logo, a função primordial da palavra é a construção de um ser que se refaz, ressignificando suas vivências. A construção de um ser CRIA-TIVO!

---

### Referências bibliográficas

Kaufmann, Pierre (1996). *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Lacan, Jacques (1981). *O Seminário: Livro 1: os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Ocariz, Maria Cristina (2003). *O sintoma e a clínica psicanalítica: o curável e o que não tem cura*. São Paulo: Via Lettera.

Poulichet, Sylvie Lê (1996). *O tempo na psicanálise*. Trad. Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Provérbios. *Bíblia Sagrada*. Trad. Monges de Maredsous (Bélgica). São Paulo: AVE-MARIA, 1997.

Santaella, Lúcia & Nöth, Winfried (1999). *Imagem: cognição, semiótica, mídia*. São Paulo: Iluminuras.